



A TEORIA DE REDES DE MARK GRANOVETTER E O DEBATE SOBRE O FENÔMENO MIGRATÓRIO¹

MARK GRANOVETTER'S THEORY OF NETWORKS AND THE DISCUSSION ABOUT THE MIGRATORY PHENOMENON

Larissa Zanela Mendes², Adriane Fátima De Boni³, Airton Adelar Mueller⁴

¹ Artigo desenvolvido pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional em conjunto com o orientador.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUÍ e bolsista PROSUC/CAPES. Mestra em Políticas Públicas e graduada em Ciências Sociais - Ciência Política pela Universidade Federal do Pampa. E-mail: larissa.mendes@sou.unijui.edu.br

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUÍ. Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, pós-graduada em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduada em Comunicação Social-habilitação Jornalismo pela UNIJUÍ. E-mail: adriane.boni@sou.unijui.edu.br

⁴ Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). E-mail: airton.mueller@unijui.edu.br

RESUMO

O presente artigo faz um ensaio teórico sobre movimentos migratórios a partir da Teoria de Redes Sociais de Mark Granovetter. Dentre os estudos do autor, teoria da imersão e a força dos laços fracos são o aporte teórico escolhido para a discussão. O objetivo é buscar entender como as redes sociais podem influenciar na tomada de decisão e no processo de migração dos indivíduos. Indo mais além, intenta-se mostrar que tal teoria também pode ser utilizada para compreender o fenômeno migratório em sentido lato (migrações internas), tendo em vista que a literatura se debruça primordialmente sobre a escala internacional. Pautada pela metodologia qualitativa, com método descritivo associado a uma pesquisa bibliográfica, pode-se verificar a relevância dos estudos de Granovetter sobre redes para os estudos migratórios, se contrapondo às teorias neoclássicas e estruturalistas no sentido de que os sujeitos não são atomizados, isto é, a tomada de decisão leva em consideração a aprovação do círculo mais próximo. Além disso, possuem uma rede de contatos com outros emigrantes, e é primordialmente por meio destes que ocorre a disseminação das informações que o indivíduo precisa para o movimento, fazendo com que ele se autoperpetue.

Palavras-chave: Mark Granovetter. Migrações. Teoria de Redes Sociais. Teoria dos Laços Fracos.

ABSTRACT

This article makes a theoretical essay on migratory movements based on Mark Granovetter's Theory of Social Networks. Among the author's studies, the theory of embeddedness and the strength of weak ties are the theoretical contribution chosen for the discussion. The objective is to seek to understand how social networks can influence decision-making and the migration process of individuals. Going further, it is intended to show that this theory can also be used to



understand the migratory phenomenon in a broad sense (internal migration), given that the literature focuses primarily on the international scale. Guided by the qualitative methodology, with a descriptive method associated with a bibliographic research, it is possible to verify the relevance of Granovetter's studies on networks for migratory studies, opposing neoclassical and structuralist theories in the sense that subjects are not atomized, that is the decision-making takes into account the approval of the closest circle. In addition, they have a network of contacts with other emigrants, and it is primarily through them that the information that the individual needs for the movement is disseminated, making it self-perpetuating.

Keywords: Mark Granovetter. Migrations. Social Network Theory. The Strength of Weak Ties Theory.

INTRODUÇÃO

Os deslocamentos populacionais entre países (migrações internacionais) e entre regiões (migrações internas) estão arraigados nas origens históricas do homem. Porém, somente nos últimos anos o tema ganhou espaço na academia, e também maior atenção dos Estados nacionais pelo mundo. Os estudos sobre o fenômeno migratório são relativamente recentes, cujas primeiras pesquisas foram desenvolvidas no fim do século XIX, ainda muito embrionárias (BANDEIRA et al., 2014). Seus efeitos possuem impactos políticos, sociais e econômicos – ainda que estes mesmos fatores sejam algumas das causas dos movimentos migratórios –, e seguem desafiando os cientistas sociais, geógrafos, demógrafos e gestores políticos (ALMEIDA; ROSENFELD, 2018). De acordo com Santos *et al* (2010), mesmo havendo um grande quantitativo de teorias sobre migrações, existe pouca interlocução entre ambas.

Massey et al (1993, p. 432) mencionam que “*at present, there is no single, coherent theory of international migration, only a fragmented set of theories that have developed largely in isolation from one another, sometimes but not always segmented by disciplinary boundaries*”. Ainda de acordo com os autores, para que se tenha plena compreensão dos processos migratórios atuais, é necessário que a análise abranja ferramentas de diversos níveis, tendo em vista que a natureza complexa e multiforme do tema exige uma teoria aprimorada e que agregue uma variedade de perspectivas e concepções.

Considerando que os deslocamentos populacionais estão diretamente associados à busca por melhores condições de vida, além do acesso a emprego e renda (DESCHAMPS, 2014), os estudos sobre redes sociais realizados por Mark Granovetter (1973; 2007) se mostram importantes instrumentos para compreender não apenas as escolhas dos indivíduos e suas relações no âmbito econômico, mas também as migrações. A teoria da imersão (*embeddedness*)



e a força dos laços fracos (*The Strength of Weak Ties*) serão utilizados neste trabalho para ser o principal aporte teórico da discussão aqui realizada, no sentido de atear luzes sobre a noção de redes no fenômeno migratório, buscando entender como tais relações podem influenciar neste processo e na decisão dos indivíduos de migrar ou não. Portanto, essa pesquisa é de cunho qualitativo; cujo método utilizado foi o descritivo e realizou-se uma pesquisa bibliográfica para embasar a discussão proposta. Além desta introdução, o texto está dividido em mais dois itens versando sobre as pesquisas de Granovetter e analisando algumas teorias sobre as migrações, como também algumas considerações com base no que fora colhido a partir da literatura.

METODOLOGIA

O presente artigo é um estudo qualitativo, tendo em vista que esta abordagem é capaz de descrever a complexidade do fenômeno no qual se destina a compreender. Busca em maior profundidade o entendimento das especificidades das práticas e dinâmicas dos indivíduos e/ou grupos sociais (DIEHL; TATIM, 2004). É também um meio de explorar a valoração empregada por determinada sociedade a um problema social. O ato de pesquisar a partir da abordagem qualitativa exige do investigador um grande envolvimento e participação no ambiente onde o fenômeno se desdobra, assim como uma construção interpretativa dos dados coletados no decorrer da ação. Nesse sentido, essa metodologia se aproxima das concepções construtivista e participativa de pesquisa (CRESWELL, 2007). Dito isso, essa pesquisa foi delineada com base no método descritivo, partindo de um estudo bibliográfico contendo a literatura pertinente à temática.

TEORIA DE REDES SOCIAIS

Para a Teoria Econômica Neoclássica, os indivíduos são seres com capacidade de hierarquizar as suas preferências e interesses por meio de cálculos racionais, visando maximizar os ganhos (Santos et al., 2010). Granovetter (2007), a partir da abordagem das redes sociais busca explicar os mais variados processos, como os econômicos e administrativos. No artigo intitulado *Economic Action and Social Structure: the problem of embeddedness* publicado em



1985¹, o autor traz o conceito de *embeddedness*, traduzido como imersão, no sentido de que os fenômenos econômicos estão imersos em uma estrutura social, e que as decisões não são tomadas apenas tendo em vista a racionalidade econômica, mas também com base em processos sociais, já que o indivíduo não é um ser atomizado e isolado de interações.

Antes de abordar sobre a imersão, Granovetter alude sobre duas perspectivas; a primeira é a visão dos sociólogos, referente a concepção super-socializada do indivíduo, “em que a sociedade tem grande peso para o ator, pois os valores, normas são interiorizados, assim o indivíduo será influenciado por aquilo que acredita, existindo uma razão social para poder tomar suas decisões”, enquanto que a concepção sub-socializada é a visão dos economistas, “em que o indivíduo não leva os outros em consideração na sua decisão, ele só se preocupa consigo mesmo” (MACHADO; NASCIMENTO, 2010, p. 71). Nesse sentido, ambas as percepções concernem à atomização humana. A partir disso, Granovetter (2007) estabelece uma terceira via, como uma alternativa a esses dois aspectos, no sentido de que os atores não fazem suas escolhas de forma atomizada, isolada do contexto das suas interações; ao contrário, estes estão imersos em uma rede de relações sociais que não são desvinculadas do comportamento e da tomada de decisões. Isto é, as ações econômicas dos indivíduos sofrem influência dos seus ideais, vontades e laços.

Granovetter critica a obra *Markets and Hierarchies* de Oliver Williamson (1975), onde argumenta que as relações entre os agentes nos procedimentos econômicos necessitam de um poder hierarquizado e centralizado para que não haja conflitos, desconfiança, má-fé e o oportunismo. Ao interligar as redes sociais à imersão e à análise da tese de Williamson, Granovetter ratifica que a rede pode tolher possíveis comportamentos oportunistas, a desconfiança e a má-fé, em virtude que o risco de disseminação dos eventos na rede acaba pressionando os integrantes principalmente por meio da vergonha, aspecto que favorece ações cooperativas e baseadas na confiança. O autor contrapõe esse aspecto afirmando que a cooperação, o trabalho conjunto e a instituição de relações de confiança se difundem sem a essencialidade de um poder hierarquizado e rígido (GRANOVETTER, 2007; BOVO, 2014).

Acrescenta ainda que a percepção de Williamson ignora a relevância dos laços sociais como facilitadores de processos associativos, alegando ser possível organizar um sistema de

¹ O artigo foi publicado no Brasil em 2007, com o título “Ação Econômica e Estrutura Social: o problema da imersão” pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).



mercado apoiado na confiança, sem prejuízo na eficiência dos indivíduos em questão. Granovetter busca evidenciar as relações entre os atores sob a lente da imersão, que juntamente com as instituições, esclarecem os processos sociais e econômicos sob perspectivas nas quais a análise econômica tradicional não abrange e que se encaixam em um sistema mais amplo de interações sociais (BOVO, 2014).

Arelada à teoria da imersão está a pesquisa do autor no que diz respeito às redes sociais no sentido de elucidar alguns adventos, bem como preencher os espaços vazios deixados pela teoria econômica sobre o funcionamento dos mercados e as interações entre atores econômicos. Tal abordagem inicia-se a partir do artigo *The Strength of Weak Ties* (GRANOVETTER, 1973). Com base em Bovo (2014), uma rede social pode ser caracterizada como um grupo de atores que estabelecem um vínculo ao iniciarem uma relação, denominado como laço; são interações que ocorrem com certa frequência e por alguma razão, e a rede transparece o sistema dessas relações. Nesse sentido, primordial para o progresso dos membros nas redes sociais são as informações; pois estas viabilizam o acesso às oportunidades, que posteriormente levarão ao desenvolvimento em diversas frentes de seus membros. A rapidez e propriedade das informações são fundamentais para caracterizar a rede.

De acordo com Granovetter (1973), no que concerne às redes que circundam relações interpessoais, a profundidade da interação, além do tempo no qual tal relação existe, a reciprocidade, a confiança e conexão emocional são importantes aspectos para traçar a natureza desse laço, que pode ser classificado como forte ou fraco. O laço forte é definido como aquele que possui maior intensidade, como por exemplo as amizades, relações entre familiares e círculos mais restritos; os grupos ancorados em laços fortes são denominados redes de ego ou egocêntricas. Os laços fracos são aqueles de menor intensidade e aproximação, como colegas de trabalho, conhecidos, etc. Dessa forma, Granovetter (1973) dá um exemplo utilizando um grupo fictício composto por três indivíduos, A, B e C, onde A e B possuem laços fortes, isto é, são amigos, enquanto que B e C também possuem laços fortes. A e C não são amigos, mas ainda assim, por meio de B eles poderão desenvolver um laço, sendo este caracterizado como fraco. Assim, existe a possibilidade de outros grupos com laços fortes e fracos entre os integrantes se interligarem, criando pontes, sendo estas imperiosas para ampliar a rede social e que agora passa a abranger mais grupos.



Aparentemente os laços fundamentais para os membros das redes sociais são os fortes (que impressionam pela intensidade da relação e dão uma ideia de consistência e continuidade). A tese de Granovetter aponta para a direção contrária: os laços fracos é que são fundamentais. O argumento do autor é que se as redes sociais fossem apenas centradas no ego, isto é, nos laços fortes, as informações se manteriam restritas em pequenos círculos, e não se difundiriam, o que limitaria as oportunidades e o desenvolvimento de seus membros, vale dizer, novas informações não chegariam. As pontes que se estabelecem entre grupos, basicamente por meio dos laços fracos, expandem a rede e possibilitam a reciclagem das informações. Aqueles com quem temos laços fracos se movem em mais e diferentes círculos do que o nosso (BOVO, 2014, p. 143).

Dito isso, os laços fracos são de fundamental importância para a propagação da inovação, justamente por serem redes formadas por sujeitos advindos de áreas e formações distintas. Nas redes de laços fortes existe uma identidade comum e as ações ali desenvolvidas não ultrapassam aquele vínculo; é por este motivo que são nessas relações que os indivíduos buscam informações e sugestões antes de tomar alguma decisão, já que tais redes são dotadas de influência, confiança e credibilidade. Indivíduos com poucos laços fracos possivelmente terão uma base de informações externas ao seu sistema social mais restrita, e por consequência, estarão circunscritos às informações oriundas de amigos próximos, permanecendo isolado em sua rede de laços fortes (KAUFMAN, 2012).

Entretanto, mesmo demonstrando a significância dos laços fracos na disseminação de inovações e/ou informações, Granovetter explica que as redes de laços fortes possuem papel determinante na aceitação das mesmas. Para que os indivíduos acolham tais inovações, é importante que se estabeleça uma relação de confiança e a identificação entre os membros em questão; e isso se torna possível a partir das redes de laços fortes. Assim, supõe-se que por meio dos laços fracos os sujeitos terão maiores possibilidades e acesso às oportunidades e inovações, mas para de fato adotá-las é necessário o consentimento dos seus vínculos de laços fortes (KAUFMAN, 2012).

Granovetter (1973), além de analisar as redes interpessoais de relações, demonstra que as redes estabelecidas entre as organizações também podem ser observadas dentro dessa mesma perspectiva, levando consideração que atores e organizações estão correlacionadas. Os contatos dentro do âmbito das redes sociais são interessantes para obter informações profissionais sobre negócios, oportunidades de emprego ou até mesmo sobre o perfil dos funcionários atuantes em uma empresa.

Portanto, pode-se dizer que os estudos de Granovetter (1973; 2007) expostos neste item sobre redes são extremamente relevantes no entendimento de como se dá o funcionamento dos mercados e organizações econômicas, considerando a importância das relações sociais, como elas se constituem e de que forma podem surgir novas formas de cooperação a partir destas (BOVO, 2014). Tais pesquisas podem ser aplicadas não somente na Economia ou da Nova Sociologia Econômica, mas em frentes das mais variadas ordens devido à flexibilidade da teoria em se encaixar nas análises sobre os fenômenos sociais, como é o caso das migrações; tema que será abordado no tópico que segue.

AS MIGRAÇÕES

A discussão sobre as teorias sobre as migrações durante muito tempo esteve dividida entre a visão neoclássica e a estruturalista. Os estudos sobre deslocamentos populacionais vêm se tornando foco de interesse das mais variadas áreas do conhecimento, podendo ser examinado sob diversas lentes. Entretanto, é consenso entre os autores no que diz respeito às abordagens: são muito diversas e fragmentadas, não abrangendo o conhecimento necessário para compreender com maior concretude os fenômenos migratórios (OLIVEIRA, 2011).

A perspectiva neoclássica, como mencionado no tópico anterior, enxerga os indivíduos como seres atomizados, racionais e capazes de hierarquizar seus interesses a fim de aumentar os seus ganhos. A partir disso, parte-se da premissa que os sujeitos dispõem de informações sobre as distinções de renda entre o seu país ou região e demais localidades; assim, o migrante é um indivíduo que toma a decisão de migrar com base no cálculo das suas preferências e de custo-benefício que o faz esperar um retorno positivo, principalmente no sentido financeiro por meio do deslocamento. Os migrantes optarão por localidades onde suas habilidades profissionais e pessoais podem ser mais bem aproveitadas, considerando a remuneração e os custos atrelados ao ato da migração (SANTOS et al., 2010).

According to this theory and its extensions, international migration, like its internal counterpart, is caused by geographic differences in the supply of and demand for labor. Countries with a large endowment of labor relative to capital have a low equilibrium market wage, while countries with a limited endowment of labor relative to capital are characterized by a high market wage, as depicted graphically by the familiar interaction of labor supply and demand curves. The resulting differential in wages causes workers from the low- wage country to move to the high-wage country. As a result of this movement, the supply of labor decreases and wages rise in the



capital-poor country, while the supply of labor increases and wages fall in the capital-rich country, leading, at equilibrium, to an international wage differential that reflects only the costs of international movement, pecuniary and psychic (MASSEY et al., 1993, p. 433).

De acordo com Simmons (1991), as teorias desenvolvidas sobre migrações sofreram forte influência do mundo industrial e do desenvolvimento econômico, sendo as baseadas na teoria da modernização ou debruçadas na visão estruturalista. No mais, tais teorias direcionavam seu foco nos grandes deslocamentos populacionais, como as migrações internacionais e a urbanização. Dessa forma, fica claro que a crise identificada nas produções teóricas sobre os fenômenos migratórios é oriunda, em parte, da aplicação de elementos e referências advindas do paradigma de acumulação fordista, que é insuficiente para compreender todas as transformações que seguem ocorrendo no padrão de acumulação do capital.

Já a teoria formulada pelos novos economistas da migração traz um novo pressuposto, afirmando que a tomada de decisão sobre migrar não é feita apenas por um indivíduo, mas por um grupo maior de pessoas que possuem algum tipo de relação. O foco da análise muda, deixando de ser centralizada em um único sujeito, mas no domicílio ou comunidade. A decisão de migrar normalmente é tomada em conjunto com um grupo de pessoas que não irão migrar, onde os custos e ganhos advindos do movimento serão divididos. Outra questão é que os indivíduos agem não somente buscando maximizar os seus lucros, mas também em reduzir os riscos; sendo assim, os domicílios ou a comunidade controlariam as possibilidades de modificação negativa no padrão de vida, podendo até mesmo aumentar a força de trabalho e dinamizando a destinação dos recursos. Tais economistas percebem a existência de um mercado de trabalho desigual que, mesmo na inexistência de mudanças salariais, as migrações tenderiam a ocorrer, uma vez que todos ou um dos membros do grupo poderiam acabar migrando para não correr o risco de baixar o padrão de vida (SANTOS et al., 2010).

Há outros trabalhos referentes à teoria mencionada acima que utilizam tipologias de análise com ênfase na família do indivíduo. Nesse contexto, as relações familiares são fundamentais na decisão de migrar, já que tal ação afetará todos os membros da família. O pressuposto é que os ganhos são de toda a família, e não apenas de um único membro; e essa questão é um determinante nas migrações de famílias inteiras. Quando uma família resolve fazer o movimento, os ganhos passam a ser calculados a partir dos gastos e retornos que todos



os familiares terão. Como os retornos pelo ato de migrar é muitas vezes menor que os custos, as famílias estão propensas a se deslocar menos (SANTOS et al., 2010).

Entretanto, com base em Oliveira e Ervatti (2015) pensar que os deslocamentos populacionais já estejam definidos em um sistema comandado pela economia mundial, deixa de considerar uma questão importante acerca dos mesmos, principalmente, os movimentos internos identificados nos países em desenvolvimento; ainda mais aqueles que possuem grandes centros urbanos para os pequenos e médios municípios. Tais deslocamentos não exatamente estariam subordinados à globalização, tendo em vista que seguiriam à lógica da economia interna do país ou região, sem estar diretamente associados ao contexto do capital internacional.

Na perspectiva estruturalista, são observadas as relações e papéis que os elementos desenvolvem dentro de um sistema. Todos estes elementos são interdependentes, não podendo verificá-los isoladamente. Para os teóricos que se debruçam nessa abordagem, não se deve visualizar apenas os aspectos que atraem ou expulsam os indivíduos de um dado território, mas também as suas condições culturais e sociais, sendo a migração vista como um processo de mobilização social. A partir da informação sobre o local no qual pretende-se migrar, cria-se esperança sobre a mudança, o que vem por motivar o sujeito a migrar. Ainda de acordo com tal abordagem, se houver migração, há também isolamento social. De acordo com Singer (1976, apud SANTOS et al., 2010) as migrações são um processo de mudança em sentido global, e condicionadas pela história. Os movimentos migratórios estão atrelados ao desenvolvimento do capitalismo, mais especificamente com a industrialização causada pelo mesmo.

Ainda de acordo com essa perspectiva, as desigualdades regionais seriam o grande impulsionador das migrações. Com o advento da industrialização, as atividades econômicas se concentraram em grandes polos – tanto nos países desenvolvidos, como em algumas regiões dos países em desenvolvimento – causando assimetrias regionais que desencadeariam os deslocamentos. Alguns dos principais motivos elencados pelos teóricos estruturalistas que atraem os migrantes são referentes ao maior acesso ao mercado de trabalho nas cidades, grande demanda por mão-de-obra, ao passo que a razão que incentiva a migração seria a possibilidade de melhorar o padrão de vida, com remunerações melhores do que no local de origem (SANTOS et al., 2010).

As migrações estão definidas a partir de termos abrangentes, que incluem diversos fenômenos muito diferentes entre si. Por isso, apesar de não existir uma única teoria que



preencha todas as lacunas explicativas sobre os deslocamentos, uma opção possível seria a utilização de tipologias descritivas, na intenção de isolar o fenômeno e analisá-lo a partir de um marco interpretativo que seja ajustável a cada caso. Nesse sentido, Tilly (1978, apud TRUZZI, 2008) buscou elencar tipologias migratórias com base em duas dimensões que considera significativas: a distância entre a origem e o destino, assim como o nível de ruptura com a sua origem, seja família, amigos, trabalho, etc. Tais variáveis indicam os limites, ainda que muito incipientes, entre um mero deslocamento e uma experiência migratória. Destarte, pequenos deslocamentos como uma viagem de curta duração e/ou distância, como as de cunho turístico, não se enquadram no âmbito de um fenômeno migratório. Ainda de acordo com este autor, as migrações podem ser classificadas em:

- a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.
- b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.
- c) De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidade de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.
- d) Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008, p. 200).

Seja no âmbito histórico acerca do recebimento de imigrantes oriundos de outros países ou regiões, seja nas emigrações, o fenômeno em cadeia é o que interessa neste trabalho. Dentre a literatura sobre as migrações de grupos, o episódio das cadeias migratórias e das redes sociais que dão sustentação a elas vem chamando atenção dos estudiosos. A teoria das redes sociais tem sido bastante utilizada nos estudos migratórios, considerando que percebe o migrante como sendo um indivíduo racional que está em busca dos seus objetivos e mobiliza recursos para chegar aonde deseja. Tais recursos podem ser laços pessoais ou profissionais nos quais se poderia captar informações sobre o local que pretende migrar, bem como obter acesso ao mercado de trabalho por meio de indicações e/ou intermediários (OLIVEIRA; ERVATTI, 2015, p. 89-90).

Massey et al (1993, p. 448) conceituam as redes como “migrant networks are sets of interpersonal ties that connect migrants, former migrants, and non-migrants in origin and destination areas through ties of kinship, friendship, and shared community origin”. Os autores ainda complementam afirmando que tais conexões se traduzem em uma forma de capital social



nas quais as pessoas podem utilizar para ganhos profissionais, isto é, a conquista de uma vaga de emprego. Quanto mais migrantes fizerem parte da rede, mais os custos e os riscos reduzem, ampliando as possibilidades de mais migrações acontecerem, e assim por diante. Ramella (1995, apud OLIVEIRA; ERVATTI, 2015, p. 90) explica que o conceito de redes sociais caminha na direção de superar os hiatos deixados pela teoria neoclássica, tendo em vista que o centro da abordagem permanece o mesmo – que é a racionalidade –, só que nesse momento o indivíduo não tomaria suas decisões apenas sozinho ou com familiares, mas também a partir da busca por relações que aumentem as chances de êxito no movimento migratório.

Deve-se destacar também o papel crucial que os indivíduos emigrados da sociedade de origem desempenham, principalmente para com aquele sujeito que ainda não migrou. Os primeiros migrantes em um novo destino não possuem laços naquele local; e para estes a migração envolve maior custo, principalmente se for de forma ilegal – caso se trate de deslocamento internacional. Dito isso, a partir do momento que os primeiros migrantes se movimentam, os possíveis custos de migração para amigos e parentes deixados no local de origem reduzem consideravelmente. Assim, a cada indivíduo que migra, estabelece-se um grupo de pessoas que criam laços sociais com a área na qual se destina; portanto, os migrantes estão impreterivelmente ligados aos não-migrantes, que recorrem às suas relações de amizade e parentesco para ter a possibilidade de acesso a emprego e assistência no local de destino. No momento que o número de vínculos de rede em uma determinada localidade de origem atinge um alto patamar, as migrações passam a se autoperpetuar pois, a cada ação migratória, fortalece a estrutura social que sustenta esse sistema. Qualquer novo indivíduo migrante reduz ainda mais os custos para o próximo, e assim por diante (MASSEY et al., 1993).

Estas ponderações levam diretamente às pesquisas de Granovetter (1973; 2007). Diversos autores passaram a utilizar tais reflexões teóricas sobre redes sociais para tentar explicar de que maneira as relações interpessoais influenciam nos processos migratórios. Uma das variáveis apontadas por Granovetter se refere à disseminação de inovações e/ou informações, que vem ao encontro ao que Massey et al (1993) e Truzzi (2008) indicam como determinante na decisão dos indivíduos a migrar ou não. As informações sobre oportunidades de emprego e condições de vida ou sobre as dificuldades encontradas no local de destino de outrem simplesmente se disseminam, autorregulando e influenciando o sistema como um todo. Nesse sentido, a confiança entra como um segundo elemento importante nas cadeias migratórias



e nas redes sociais. As informações normalmente vêm de algum parente, amigo, vizinho ou amigo de amigos; aspecto que confere maior credibilidade nas informações e aumenta o nível de confiança entre a rede.

Granovetter (1973) enfatiza que as informações sobre oportunidades profissionais são disseminadas principalmente a partir da rede de laços fracos, uma vez que estes têm acesso a fontes alternativas de informação, e não necessariamente pelos indivíduos da rede de laços fortes, que tendem a obter informações pleonásticas. As relações classificadas como laços fortes são aquelas que vão auxiliar na decisão do migrante, considerando que este possivelmente buscará a aprovação do seu círculo mais próximo para agir. Já a rede de laços fracos é a que vai oportunizar o indivíduo a acessar importantes informações acerca do local de destino (TRUZZI, 2008).

Ainda que percebida por alguns teóricos como apenas um método de análise, a abordagem das redes é a que obteve – até o presente momento –, o maior êxito em apresentar ferramentas que ilustrem como são concebidas as relações sociais. A teoria, empregada no contexto dos fenômenos migratórios, fornece importantes apontamentos sobre o comportamento dos indivíduos que desejam emigrar, sobre de que forma o acesso às informações ou inovações chegam por meio de emigrantes e a confiança depositada nas mesmas, assim como a influência dos laços interpessoais, mais precisamente os fortes, na decisão sobre a migração. Ademais, possibilita a sua aplicação no âmbito das migrações internas dos países, já que muitas teorias se preocuparam apenas com os deslocamentos internacionais. Esse paradigma faz oposição às perspectivas apresentadas anteriormente; tanto à teoria econômica neoclássica, na qual ignora as relações sociais e os seus efeitos sobre as ações dos sujeitos (visão sub-socializada), assim como à teoria sociológica, que, em contraponto, acredita que o indivíduo é totalmente determinado e orientado por normas, sendo suas decisões guiadas por estas (visão super-socializada) (TRUZZI, 2008).

Destarte, para que não restem dúvidas sobre o entendimento explanado no decorrer deste artigo, como as cadeias migratórias e as redes sociais estão interligadas? Para que as cadeias migratórias se estabeleçam, os indivíduos utilizam os seus laços fortes e fracos (de parentesco, amizade, conhecidos, contatos profissionais), isto é, as redes sociais, para chegar ao fim almejado, que é conseguir efetuar o ato migratório. Nesse sentido, revela-se a importância do estudo de redes para as migrações, tendo em vista que os movimentos ocorrem não somente em



virtude da insatisfação do migrante com o seu local de origem, como também, porque geralmente esses eventos não acontecem de forma isolada, como sendo apenas uma decisão individual; mas sim, é a decisão tomada por um conjunto de pessoas que possuem algum laço e que fazem essa escolha graças ao auxílio de outros indivíduos que já estão no destino. Ambos fazem parte de um processo histórico e social, no qual transcende até mesmo a própria rede que ali se estabelece (TRUZZI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se apresentar de forma sucinta duas importantes reflexões de Mark Granovetter sobre redes sociais. Tais pesquisas apresentam cunho tão interdisciplinar, que mesmo sendo realizadas para entender o funcionamento dos mercados e organizações a partir da lente da Nova Sociologia Econômica, é possível utilizá-la para diversos fins científicos; dentre eles, os estudos referentes aos fenômenos migratórios. No trabalho publicado sobre a teoria da imersão, o autor refuta a tese de que as organizações precisam de hierarquias fortes e centralizadas para evitar oportunismos, má-fé e desconfiança. O autor mostra exatamente o contrário, que as organizações e os indivíduos estão imersos a uma estrutura de relações, e é através delas que se pode obter confiança, honestidade e reciprocidade.

Já, a teoria dos laços fracos ajuda a entender as relações entre os indivíduos e as organizações, já que não podem ser dissociados. Os laços fortes são aqueles mais íntimos, como amigos de longa data e parentes; enquanto que os laços fracos são aquelas redes de contato que possibilitam o acesso a um rol de informações diferente daquele que a rede de laços fortes possui. É a partir da rede de laços fracos que ocorre a difusão de inovações e/ou informações, o que possibilita interagir e se relacionar com diferentes grupos, ou empresas, etc. Tanto os indivíduos como as organizações não são vistos como seres atomizados, e sim, que agem em favor dos seus interesses a partir das relações sociais.

Tendo isso em mente, buscou-se trazer à discussão algumas correntes teóricas desenvolvidas sobre os movimentos migratórios. É sabido que existem diversas abordagens que tratam desse fenômeno e na dificuldade de formular uma teoria que consiga abranger os mais variados níveis de análise, como questões culturais, sociais, econômicas e políticas – variáveis estas que influenciam nas motivações que fazem um indivíduo querer migrar. Mas a perspectiva de redes sociais como a de Granovetter mostra que, os sujeitos que decidem migrar, além de



não tomarem as suas decisões sozinhos – pois tomam-nas sempre no seio da família ou círculo de vínculos pessoais (laços fortes) –, também recebem informações prévias de outros emigrantes que já se encontram no local de destino (laços fracos), o que fortalece a rede a partir da confiança, reduz os custos do ato e faz com que o movimento se autoperpetue. Sendo assim, resta transparente que todo o arcabouço teórico escrito sobre redes sociais é de fundamental importância para os estudos referentes às migrações, podendo este ser considerado umas das principais teorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jalcione; ROSENFELD, Cinara. A Sociologia e as migrações. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 9-15.

BOVO, Cassiano R. M. A contribuição da Teoria da Rede Social, de Mark Granovetter, para a compreensão do funcionamento dos mercados e da atuação das empresas. **Revista Pensamento e Realidade**, v. 29, n. 3, 2014, p. 135-151.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DESCHAMPS, Marley Vanice. Migração em Santa Catarina: espaço atrativo no Sul do país. In: LOU, Isaac Aroucha Coimbra; MAGALHAES, Marisa Valle (Orgs.). **Migrações internas nos decênios 1990 e 2000 em unidades da Federação selecionadas**: mudanças e continuidades. Salvador: SEI, 2014.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, n. 6, 1973, p.1930-1938.

_____. A ação econômica e a estrutura social: o problema da imersão. **RAE-eletrônica**, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.



KAUFMAN, Dora. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 23, jun. 2012, p. 207-218.

MASSEY, Douglas. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York: Population Council, v. 19, n. 3, set. 1993, p. 431-466.

OLIVEIRA, Antônio T.R. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: OLIVEIRA, Luiz Antonio P.; OLIVEIRA, Antônio T.R. (Orgs.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____; ERVATTI, Leila R. Fontes de informações para os estudos migratórios. In: ERVATTI, Leila R.; BORGES, Gabriel M.; JARDIM, Antonio P. (Orgs.). **Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI**: Subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

OLIVEIRA, Adriana L.; SILVA, Luiz Everson. As contribuições dos estudos de Granovetter para o debate sobre o processo de tessitura de laços e redes no contexto da inserção profissional de egressos do ensino superior. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 7, jul./dez. 2015, p. 103-114.

SANTOS, Mauro Augusto, *et al.* **Migração**: uma revisão sobre algumas das principais teorias. Texto para discussão n.398. Belo Horizonte: UFMG/Cedepilar, 2010.

SIMMONS, Alan. B. Explicando la migración: la teoría en la encrucijada. **Estudios Demográficos y Urbanos**, México, DF: Colegio de México, Centro de Estudios Demográficos, Urbanos y Ambientales - Cedula, v. 6, n. 1, p. 5-31, enero/abr. 1991. Disponível em: <https://estudiosdemograficosyurbanos.colmex.mx/index.php/edu/article/view/801/794>. Acesso em: 13 jan. 2020.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, jun. 2008, p. 199-218.

WILLIAMSON, Oliver. **Markets and Hierarchies**. New York: Free Press, 1975.